

REVISTA MARACANAN

Traduções

José Carlos Mariátegui e o fascismo

José Carlos Mariátegui and fascism

Martín Bergel*

Universidad Nacional de San Martín;
Universidad de Buenos Aires
Buenos Aires, Argentina

Recebido em: 10 abr. 2023.

Aprovado em: 15 maio 2023.

Avaliado pela equipe editorial.



Traduzido do espanhol por Marisa Montrucchio (Professora Visitante da Universidade Federal do Pará. Doutora em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo), com autorização do autor.

Uma parte deste artigo foi publicado originalmente como "José Carlos Mariátegui y las derechas de su tiempo: una lectura activa de la sentimentalidad fascista", em *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, coloquios em línea, 8 out. 2020.

* Professor de História Contemporânea da América Latina da Universidad Nacional de San Martín e da Universidad de Buenos Aires. Doutor em História pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Pesquisador independente do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e do Centro de Historia Intelectual da Universidad Nacional de Quilmes (UNQ). (bergelmartin@gmail.com)

Foi pesquisador visitante na Harvard University (2012), na Freie Universität Berlin (2015), bem como Research Fellow do Center for Advanced Latin American Studies (CALAS, 2019-2020) e Mercator Fellow da Global Programa de História Intelectual (Universidad Free Berlin, 2022). Professor visitante na Universidade de São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, na Universidade de Xangai e no El Colegio de México. Participa do Conselho organizador do Seminário "Oscar Téran" sobre História das Ideias, Intelectuais e Cultura do Instituto Ravignani da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA. Membro do Coletivo Editorial do *Anuário Prismas - Revista de História Intelectual*. Entre outros livros, publicou *El Oriente Desplazado. Los intelectuales y los orígenes del tercermundismo en Argentina* (2015, terceiro prêmio nos Prêmios Nacionais do Ministério da Cultura da Nação, 2019); *La desmesura revolucionaria. Cultura y política en los orígenes del APRA* (2019; segundo lugar no levantamento dos melhores livros de história peruana daquele ano pelo blog *El Espejo de Clío*); e *José Carlos Mariátegui. Antología* (2020).

Resumo

Nas tradições do pensamento das esquerdas latino-americanas, não são abundantes as elaborações sobre as formas dos movimentos de direita. José Carlos Mariátegui constitui uma das poucas exceções nesse panorama geral. Este ensaio, que trata de suas abordagens do fascismo italiano, está dividido em duas seções. Em primeiro lugar, destacam-se três dimensões de análise dos ensaios de Mariátegui sobre as direitas emergentes na Europa do pós-guerra, particularmente nos textos reunidos em sua "Biologia do Fascismo". Essas três dimensões, argumenta-se, delinearam problemas que foram posteriormente elaborados por autores que se tornaram referências da historiografia contemporânea sobre o fascismo (esse exercício não pensa em Mariátegui em termos de "antecedente" dessa historiografia, mas simplesmente busca destacar algumas de suas intuições). Em segundo lugar, postula-se que Mariátegui fez uma leitura não preconceituosa do fascismo, que buscou entendê-lo em sua lógica própria e atentando às suas novidades. Apesar de situar o fascismo como um movimento contrarrevolucionário que se localizava no campo inimigo do socialismo e do proletariado internacional, Mariátegui extraiu elementos que estavam em harmonia com o clima cultural da época e que poderiam ser readaptados em um projeto socialista. O fascismo foi, em última análise, um laboratório prático que complementou suas leituras de Georges Sorel (em alguns casos antecipando-as) para a elaboração do tema do mito, fator-chave em sua filosofia política.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui. Fascismos. América Latina.

Abstract

In the traditions of thought of the Latin American lefts, elaborations on the forms of right-wing movements are not abundant. José Carlos Mariátegui constitutes one of the few exceptions in this general panorama. This essay, which deals with his approaches to Italian Fascism, is divided into two sections. First, three dimensions of analysis of Mariátegui's essays on the emerging right in post-war Europe stand out, particularly in the texts gathered in his "Biology of Fascism". These three dimensions, it is argued, outlined problems that were later elaborated by authors who became references in contemporary historiography on fascism (this exercise does not think of Mariátegui in terms of the "antecedent" of this historiography, but simply seeks to highlight some of his intuitions). Secondly, it is postulated that Mariátegui made a non-prejudiced reading of fascism, which sought to understand it in its own logic and paying attention to its innovations. Despite placing fascism as a counterrevolutionary movement that was located in the enemy camp of socialism and the international proletariat, Mariátegui extracted elements that were in harmony with the cultural climate of the time and that could be readapted in a socialist project. Fascism was, ultimately, a practical laboratory that complemented his readings of Georges Sorel (in some cases anticipating them) for the elaboration of the theme of myth, a key factor in his political philosophy.

Keywords: José Carlos Mariátegui. Fascisms. Latin America.

Dizer que o nazismo não é pensamento ou, de maneira mais geral, que a barbárie não pensa, equivale na realidade a procedimento caviloso de inocentamento. É uma das formas do "pensamento único" atual [...]. Poderão dizer-me: o senhor não quer ver que, acima de tudo, o nazismo e principalmente o stalinismo são figuras do Mal. Eu defendo que, ao contrário, identificando-os como pensamentos ou como políticas, sou eu que me dou em última análise os meios para julgá-los, e são os senhores que, hipostasiando o julgamento, acabam por proteger sua repetição.

Alain Badiou, *O século*.

I.

Na história latino-americana não são muitos os casos de intelectuais de esquerda que tenham oferecido reflexões sobre as formas históricas assumidas pela direita. Diferente da tradição multidiversa do pensamento europeu que vai de Gramsci e da Escola de Frankfurt a Poulantzas, Paolo Virno ou, mais recentemente, Enzo Traverso – para citar apenas alguns nomes –, na América Latina têm sido minoritários os questionamentos profundos e/ou os *flashes* incisivos sobre as manifestações da direita. O sólido espaço do antifascismo argentino, por exemplo, foi propenso a fazer uso retórico e repetitivo de um roteiro semelhante sobre o adversário que lhe dava razão de existir, ao ponto de, segundo um de seus principais historiadores, “funcionar como instrumento de mobilização dos setores democráticos contrários à dinâmica fraudulenta (e posteriormente ditatorial), e não como ferramenta de reflexão ou análise” (BISSO, 2007, p. 18). Bem mais próximo no tempo, é fato reconhecido que fenômenos contemporâneos como o macrismo, na Argentina, ou o bolsonarismo, no Brasil, tenderam a ser amplamente subestimados. A reflexão sobre o partido de Macri, o *PRO*, demorou a chegar e, quando o fez, algumas das interpretações que arriscaram ideias sobre suas características inovadoras receberam críticas inflamadas e injúrias. Em termos gerais, pode-se dizer que no continente latino-americano a intelectualidade de esquerda foi pressionada a aceitar e reproduzir julgamentos consumados que evitavam assumir o exercício de pensar as direitas.

O caso do peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930) destaca-se do panorama que acabamos de sintetizar. Reconhecido como um dos principais intelectuais das esquerdas do século XX e até como o “primeiro marxista da América” (segundo a bem-sucedida fórmula do italiano Antonio Melis, um de seus maiores estudiosos, Cf. Melis, 1967), Mariátegui deve essas denominações, segundo um ponto de vista estabelecido, ao caráter aberto e criativo dos recursos que mobilizou no desenvolvimento de seu pensamento firmemente enraizado na tradição socialista. Dentro desse quadro geral, e apesar de ser um autor profusamente estudado, o conjunto de pequenos ensaios que, sob perspectivas igualmente heterodoxas, dedicou-lhe às

direitas de seu tempo tem sido pouco explorado. Adentrando nesse segmento de sua arborescente obra intelectual, este artigo se detém em alguns momentos relacionados à sua caracterização do fenômeno fascista. Por um lado, em seus prolegômenos, especialmente ligados ao deslumbramento que a figura de D'Annunzio e sua "aventura de Fiume" produzem no intelectual peruano no período pós-guerra; de outro, em fases dos primeiros anos do movimento liderado por Mussolini no poder, analisadas por Mariátegui em sua "Biologia do Fascismo", uma das seções de *La Escena Contemporánea* (seu primeiro livro, publicado em 1925).

Uma das hipóteses gerais neste trabalho orienta não apenas a leitura dos textos de Mariátegui sobre as direitas, mas também uma ponderação com relação ao tipo de práxis e de posicionamento intelectual que revelam os interesses exibidos nesses escritos.¹ Contra uma imagem amplamente difundida, sobretudo na América Latina, o socialismo do diretor da revista *Amauta* esteve longe de ser um "socialismo enraizado" (Cf.: MAZZEO, 2013). Diante dessa visão, que enfatiza o caráter latino-americano e/ou nacional do marxismo de Mariátegui, a familiaridade e as sutilezas de seus textos sobre as direitas de origem europeia (além de uma ampla gama de ensaios sobre uma miríade de temas políticos, sociais ou estéticos) revelam o perfil de uma figura que, desde seu lugar em Lima, se propôs a ser, no horizonte de suas preocupações, um intelectual eminentemente global. Foi a partir dessa sensibilidade cosmopolita, e do valor que deu ao novo-contemporâneo, que o autor peruano pôde oferecer radiografias críticas de movimentos e figuras de direita que entraram em seu campo de percepções. Na primeira parte deste texto, nos deteremos em algumas das primeiras observações de Mariátegui sobre o fascismo que tocam em questões posteriormente desenvolvidas pela historiografia acadêmica especializada no movimento italiano. Na segunda, apontaremos que essas leituras foram benéficas para seu aprofundamento intelectual e mesmo serviram de laboratório para o desenvolvimento de elementos reaproveitáveis desde seu imaginário socialista. Como veremos, nada menos que o tema do mito, tão relevante em sua concepção da política, começará a ser elaborado em suas primeiras abordagens do fenômeno fascista.

II.

É sabido que, na biografia intelectual de Mariátegui, os anos que passou na Europa entre 1919 e 1923 constituem um período decisivo em sua formação filosófica, estética e política. Ainda que um importante conjunto de trabalhos tenha tentado resgatar o valor dos anos da adolescência e início da juventude em que seu nome (e seu principal pseudônimo da época, Juan Croniqueur) começou a se destacar tanto por sua atuação na imprensa periódica quanto por sua participação no ambiente da boemia literária limenha (Cf.: TERÁN, 1985, p. 11-36; GALINDO, 1982; PORTOCARRERO, 1994; BERNABÉ, 2006; CAMPUZANO, 2017), o próprio Mariátegui

¹ Retomo minha leitura geral de Mariátegui desenvolvida em *José Carlos Mariátegui and the Russian Revolution. Global Modernity and Cosmopolitan Socialism in Latin America* (2017).

chamaria desdenhosamente sua etapa anterior à viagem à Europa de “Idade da Pedra”, período em que – segundo referiu em conhecida carta autobiográfica de 1928 – seus principais esforços foram limitados a “esboços de literato contaminados de decadentismos e bizantinismos finisseculares”.² Ele tinha convicção de que sua reorientação para o perfil de intelectual socialista que cultivaria na maturidade começou pouco antes de sua partida para o Velho Continente, no calor das lutas operárias e estudantis que ocorreram no Peru no imediato pós-guerra, e com o incentivo fundamental que representavam as notícias internacionais sobre a novíssima Revolução Russa.³ Mas, mesmo considerando aquela virada anterior à viagem, a aventura europeia iniciada em outubro de 1919 representaria um divisor de águas no itinerário de Mariátegui. “Tenho feito na Europa minha melhor aprendizagem”, escreverá no breve prólogo dos *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, seu livro mais famoso (1993 [1928], p. 14). De fato, foi no decorrer de sua passagem pela Europa que entrou em contato com as artes plásticas – especialmente graças à amizade com o pintor argentino Emilio Pettoruti –, e através delas com as vanguardas estéticas, que a partir de então e até sua morte em 1930 ocuparam lugar de destaque em seu observatório intelectual.⁴ Da mesma forma, foi ao longo desses anos que, por meio de leituras, contatos e frequência livre em “alguns cursos” – conforme disse a Glusberg na referida carta –, valorizou sua cultura política e filosófica e aprofundou-se no conhecimento de marxismo (especialmente via idealismo italiano) (PARIS, 1981, p. 122-132; ARICÓ, 1980, p. XIV-XX). Um fato que poderá ser comprovado na perspectiva definitivamente anticapitalista e de classe que Mariátegui desenvolverá no regresso ao Peru, pode ser observado com nitidez na perspectiva adotada nas conferências sobre “a crise mundial”, proferidas em 1923 na Universidade Popular de Lima.

Mas, além de lhe ter proporcionado os estímulos e conhecimentos que se expressarão a partir de então numa chave inabalavelmente socialista e vanguardista, a situação europeia do pós-guerra ligará Mariátegui a um espaço cultural e político ao qual prestará contínua atenção desde então: a das novas direitas. Esse interesse se sustentará no privilégio epistemológico que o peruano concede ao emergente, aos novos fenômenos que desestabilizam o instituído, em cuja interpretação – nos breves ensaios escritos para a imprensa – arrisca intuições e hipóteses.

Esta posição de enunciação será favorecida pelo fato de que o principal destino de Mariátegui na Europa seja a Itália, o que lhe permite ser uma testemunha privilegiada e direta da ascensão do fascismo (viveu naquele país desde finais de 1919 até as vésperas da Marcha sobre Roma dos partidários de Mussolini). Nos textos que enviou ao diário *El Tiempo*, de Lima, –

² Carta de José Carlos Mariátegui a Samuel Glusberg, Lima, 10 de janeiro de 1928. (MARIÁTEGUI, 1994, p. 1875).

³ Cf. O artigo de Mariátegui, “Bolchevikis, aquí” (*El Tiempo*, 9 abr. 1918). As críticas mais precisas sobre os primeiros passos socialistas de Mariátegui no período de fins de 1917 até sua partida para a Europa em outubro de 1919, continuam sendo as de Robert Paris (1981, p. 33-77) e Oscar Terán (1985, p. 36-54).

⁴ Cf. Natalia Majluf, “Izquierda y vanguardia americana. José Carlos Mariátegui y el arte de su tiempo”; e Patricia Artundo, “José Carlos Mariátegui y Emilio Pettoruti entre Europa y América, 1920-1930”, ambas em Amas e Majluf (2019).

mais tarde reunidos por seus filhos no volume *Cartas da Itália* –, e nos que elaborou ao retornar ao Peru e que agrupou em sua “Biologia do Fascismo” em 1925, Mariátegui combina as habilidades do cronista político com as habituais centelhas hermenêuticas que presidem seus ensaios da maturidade. A imprensa tinha sido para ele o espaço substituto por excelência da educação formal, da qual esteve impedido devido aos problemas de saúde que o afligiam desde a infância. Mas, tendo encadeado sua produção aos ritmos e modalidades dos jornais e revistas desde a adolescência, Mariátegui foi aos poucos se propondo a transcender o papel de jornalista para o qual fora formado (sem que a paixão pelo jornalismo se extinguisse nessa transição).⁵ Questionado em uma reportagem sobre seu método de trabalho e sobre sua forma única de se relacionar com as notícias do mundo (“Como o senhor faz para se manter atualizado com a realidade internacional e transmiti-la para nós sem se enganar e sem nos enganar?”), Mariátegui respondeu:

Você pode acreditar em mim se eu disser que minhas fontes de informação não são exóticas e que não conheço línguas eslavas. Recebo livros, revistas, jornais de várias partes, mas não tanto quanto gostaria. E os dados são apenas dados. Eu não confio demais nos dados. Eu uso como material. E me esforço para chegar à interpretação (RAMOS, “Una encuesta a José Carlos Mariátegui”, *Mundial*, Lima, 23 jul. 1926, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1395).

Formado nas redações dos jornais, e particularmente interessado em tudo o que era caracterizado como novidade – política, cultural, filosófica –, até o fim de sua vida Mariátegui acompanharia o curso regular das notícias com verdadeiro fascínio (particularmente as notícias internacionais a cabo), um insumo indispensável a partir do qual ele construiu seus ensaios. Mas, como alertava num dos artigos da seção “O que o cabo não diz”, publicado no semanário *Mundial*, a grade informativa da imprensa devia passar “pelo questionamento minucioso das revistas, pelo comentário alerta dos escritores independentes” (“La preparación sentimental del lector ante el conflicto ruso-chino”, *Mundial*, Lima, 20 set. 1929, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1240). E essa era a função que o próprio Mariátegui se atribuía: a de, a partir das ementas de notícias que os jornais traziam, oferecer ao público leitor elucidações críticas sobre o conturbado panorama da contemporaneidade mundial.

Assim, com essa vontade de capturar “os elementos primários de um esboço ou ensaio de interpretação desta época e seus tempestuosos problemas” – como escreveria na nota introdutória aos ensaios reunidos em *La Escena Contemporánea* (1959 [1925], p. 11) –, Mariátegui oferecerá um conjunto de interpretações do fenômeno fascista que estão entre os primeiros que puderam ser lidos na imprensa latino-americana. Mas se essa tematização do movimento liderado por Mussolini é uma faceta reconhecida de sua produção, não foi destacado

⁵ Em um dos ensaios que, próximo de sua morte, escreveu sobre o escritor americano Waldo Frank, Mariátegui trouxe à tona este aspecto: “Na formação de Frank, minha experiência me ajuda a apreciar um elemento: sua condição de jornalista. O jornalismo pode ser um saudável treino para o pensador e para o artista [...] Para um artista que saiba emancipar-se dele em tempo, o jornalismo é um estádio e um laboratório no qual desenvolverá faculdades críticas que, de outra forma, poderiam permanecer estagnadas.” (“Itinerario de Waldo Frank”, *Variedades*, Lima, 4 dez. 1929, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 612).

o fato de que algumas observações do intelectual peruano fazem referência a dimensões posteriormente aprofundadas pelos mais importantes historiadores especializados em fascismo.

Nas sucessivas aproximações de Mariátegui ao movimento italiano, foram detectadas pelo menos três preocupações que têm sido objeto de um meticuloso estudo por parte dos pesquisadores históricos contemporâneos: o seu caráter revolucionário e/ou contrarrevolucionário e as formas como as diferentes classes sociais se expressam; o lugar de Mussolini na produção do fenômeno fascista; e o papel da ideologia e dos intelectuais em sua formação e posterior desenvolvimento.

Assim como a maior parte da historiografia, Mariátegui considerou a Guerra Mundial e a Revolução Russa como os acontecimentos que iniciaram uma era radicalmente nova, cujos contornos e dinâmicas emergentes ele se propôs a caracterizar sem recorrer a esquemas preconcebidos. Porém, se a aventura bolchevique inaugurou a era da revolução proletária, a grande guerra fertilizou um terreno propício para a reação. No debate surgido após o armistício sobre os efeitos imediatos da guerra, Mariátegui não hesitou em destacar essa tendência:

Estamos assistindo a um renascimento do espírito guerreiro, do espírito heroico. A guerra desequilibrou as almas. Por um lado, deixou o desprezo pela vida humana; por outro, o amor pela aventura, a ambição pela glória militar. Há pessoas que pensam e sonham como os cruzados e os condottieres da Idade Média [...] A guerra não foi, portanto, revolucionária. Não foi e nem poderia ser. Porque, o que ela representou em si mesma? Todos concordam que representou uma regressão às eras bárbaras ("¿La guerra ha sido revolucionaria o reaccionaria?", [datado em Florença, 25 jul. 1920], in MARIÁTEGUI, 1994, p. 759).

A rigor, uma constante nos textos de Mariátegui sobre as direitas emergentes no pós-guerra será a distinção entre os elementos modernos – e até vanguardistas –, e os retardatários. Em seu conjunto, e apesar de seus ingredientes heterogêneos, o intelectual peruano tenderá a descrever o fascismo como uma expressão condizente com os novos tempos do pós-guerra (aqueles que em seus escritos ele condensa na onipresente categoria de "época"). No entanto, a modernidade da experimentação fascista não impede que Mariátegui destaque seu perfil contrarrevolucionário. Segundo Enzo Traverso, essa dimensão tendeu a ser ignorada inclusive por historiadores do tamanho de George Mosse, Zeev Sternhell ou Emilio Gentili. "Em vários aspectos, o anticomunismo foi muito mais forte do que o antiliberalismo no fascismo" (TRAVERSO, 2012, p. 131), escreveu recentemente para sublinhar o seu componente reativo no interior de sua fisionomia moderna e revolucionária. Mariátegui, que em suas crônicas italianas se debruça sobre a agitação do movimento operário e as várias tendências do socialismo ("Las fuerzas socialistas italianas", *El Tiempo*, Lima, 28 jul. 1920, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 747-750), por volta de março de 1921 alertava para o cenário de "guerra civil" que se avizinhava na península. Os seguidores de Mussolini cresceram vertiginosamente "como uma afirmação do patriotismo italiano contra a doutrina internacionalista do socialismo e do anarquismo". Conforme consta nesse texto,

Hoje o 'fascismo' é uma milícia antirrevolucionária. Já não representa apenas o sentimento de vitória. Não é mais exclusivamente uma extensão do ardor guerreiro

da guerra. Agora significa uma ofensiva das classes burguesas contra a ascensão das classes proletárias (“Escenas de guerra civil” [datado em Roma, mar. 1921], *El Tiempo*, 17 jun. 1921, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 776).

Essa chave de classe se tornará mais complexa nos textos reunidos em sua “Biologia do Fascismo”. Mariátegui (1959 [1925], p. 15) insiste em apontar que

assustada com as chances da revolução, a burguesia armava, supria e estimulava prestativamente o fascismo. E o empurrou para a pavorosa perseguição ao socialismo, para a destruição dos sindicatos e cooperativas revolucionárias, para o desmantelamento de greves e insurreições.

Mas o movimento dos Camisas Negras está longe de ser apenas um epifenômeno das classes dominantes. Longe disso, Mariátegui logo percebe uma característica que passará a fazer parte do cânone habitual das leituras do fenômeno fascista: seu apelo à classe média, “particularmente acessível aos mais exaltados mitos patrióticos” (*Ibidem*, p. 14). Desiludidas e desconfiadas do proletariado por seu neutralismo na guerra e pelos benefícios sociais conquistados com suas lutas, as classes médias foram seduzidas pelo experimento liderado por Mussolini. Disso, Mariátegui extrai uma lição. Como ele aponta,

Os socialistas italianos cometeram o erro de não usar armas políticas inteligentes para modificar a atitude espiritual da classe média. Mais ainda. Eles acentuaram a inimizade entre o proletariado e a *piccola borghesia*, tratada com desdém e ridicularizada por alguns teóricos hieráticos da ortodoxia revolucionária (MARIÁTEGUI, 1959, p. 15).

Em geral, essa prevenção estratégica não foi atendida pelas esquerdas do século XX, que não pararam de atacar verbalmente a “pequena-burguesia”.⁶

Um segundo problema apontado por Mariátegui em “Biologia do Fascismo” tem a ver com o peso que o “fator Mussolini” assumiu na configuração do fascismo. A historiografia discutiu extensivamente o poder de mediação dos líderes fascistas. Para o caso alemão, Ian Kershaw reconstruiu de forma admirável o debate entre “intencionalistas” e “estruturalistas” com relação ao lugar de Hitler no experimento nacional-socialista. Enquanto os primeiros destacam os aspectos biográficos do líder nazista e o desenvolvimento singularmente coerente de seu programa desde o início da década de 1920 até o final de seus dias, os segundos relativizam a eficácia de seu papel e, em alguns casos, chegam a considerá-lo apenas um “ditador fraco”, dominado por um conjunto de estruturas que o transcendiam (Cf.: KERSHAW, 2004).⁷ Inicialmente, Mariátegui pareceu adotar uma perspectiva intencionalista. Segundo escreveu no início de seu ensaio, “fascismo e Mussolini são duas palavras consubstanciais e solidárias. Mussolini é o animador, o líder, o *duce* máximo do fascismo. O fascismo é a plataforma, a plateia a carruagem de Mussolini” (MARIÁTEGUI, 1959 [1925], p. 13). Nesse sentido, ele se aprofunda

⁶ Um incisivo ensaio sobre as imagens negativas da tradição intelectual de esquerda com relação às classes médias (com foco no caso argentino), intitulado “La pequeña burguesía, una clase en el purgatorio”, pode ser consultado em Carlos Altamirano (1997).

⁷ Consulte também “Incursiones en una polémica siempre recurrente: el debate historiográfico en torno al ‘factor Hitler’ entre los ‘60 y los ‘90”, de Patricio Geli (1999).

em um esboço biográfico do maior líder do fascismo, dos *fasci*, desde seus anos de juventude socialista até a exibição de sua fervorosa “psicologia guerreira” desde o início da grande conflagração de 1914. Mas a seguir, e numa virada que contrariava o peso que costumava dar aos fatores subjetivos, Mariátegui coloca Mussolini como um resultado do ambiente político-cultural de “violenta reação nacionalista” que marcava à Itália do pós-guerra:

Sobre Mussolini se fez muito romance e pouca história [...] ele é conhecido, episodicamente, através de anedotas e instantâneas. Diz-se, por exemplo, que Mussolini é o artífice do fascismo. Acredita-se que Mussolini tenha “feito” o fascismo. Agora, Mussolini é um agitador calejado, um organizador experiente, um sujeito vertiginosamente ativo. A sua atividade, o seu dinamismo, a sua tensão influenciaram amplamente o fenômeno fascista [...] E ele foi o organizador, o animador, o *condottiere* do fascismo. Mas não foi seu criador, não foi seu artífice. Ele extraiu um movimento político a partir de um estado de espírito, mas não modelou esse movimento à sua imagem e semelhança. Mussolini não deu uma essência, um programa ao fascismo. Pelo contrário, o fascismo deu seu espírito a Mussolini. A sua consubstanciação, a sua identificação ideológica com os fascistas, obrigaram Mussolini a exonerar-se, a expurgar-se dos seus últimos resíduos socialistas. Mussolini precisou assimilar, absorver o antissocialismo, o chauvinismo da classe média para enquadrá-la e organizá-la nas fileiras dos *fasci di combattimento*. E ele teve que definir sua política como uma política reacionária, antissocialista e antirrevolucionária (MARIÁTEGUI, 1959, p. 16).

Mariátegui não dá continuidade a esse raciocínio, que, como é de praxe em sua prosa pulsante, ocupa apenas o lugar de uma conjectura passageira. Como já apontamos, seus ensaios são breves incursões escritas ao ritmo do jornalismo (“Biologia do Fascismo” é, a rigor, um texto composto a partir da montagem de artigos publicados nas revistas semanais *Mundial* e *Variedades*). Mas é interessante notar que, nessas aproximações elaboradas a partir de 1923, uma vez que voltou a Lima, ele contornará um problema que a historiografia irá desenvolver muito tempo depois.

Um terceiro questionamento de Mariátegui foi dirigido ao campo da *intelligentsia*. “O fascismo conquistou, ao mesmo tempo que o governo e a Cidade Eterna, a maioria dos intelectuais”, escreveu em meados dos anos 1920 (MARIÁTEGUI, 1959, p. 24). E depois mencionava os nomes que, de Giovanni Gentile a Pirandello, apoiaram o regime. Mas, embora algumas dessas adesões fossem recentes, o autor dos *Siete Ensayos* não deixou de apontar que alguns setores da intelectualidade prepararam previamente (desde 1905, assinalava seguindo Adriano Tilgher) o ambiente cultural em que o fascismo floresceria. Tal teria sido o caso dos futuristas e, especialmente, de uma figura por quem ele sentiu admiração desde seus primeiros anos na boemia literária de Lima, Gabriele D'Annunzio:

Todos os últimos capítulos da história da Itália aparecem saturados de d'annunzianismo. “As origens espirituais do fascismo estão na literatura de D'Annunzio”. O futurismo – que foi um rosto, um episódio do fenômeno d'Annunziano – é outro dos ingredientes psicológicos do fascismo. Os futuristas saudaram a Guerra de Trípoli como a inauguração de uma nova era para a Itália. D'Annunzio foi mais tarde o *condottiere* espiritual da intervenção da Itália na guerra mundial. Futuristas e d'annunzianos criaram na Itália um humor megalomaniaco, anticristão, romântico e retórico. Pregaram para as novas gerações [...] o culto ao herói, à violência e à guerra (MARIÁTEGUI, 1959 [1915], p. 24).

Nessas apreciações, Mariátegui parecia acreditar na perspectiva posteriormente desenvolvida pelo historiador israelense Zeev Sternhell (1994), para quem o fascismo foi o resultado de uma elaboração ideológica antiliberal e anti-iluminista tecida na Europa desde o alvorecer do século XX. No entanto, como veremos na próxima seção, os textos de Mariátegui sugerem uma imagem da experiência fascista pensada menos como uma ideologia acabada do que como um conjunto de sensibilidades e emoções culturais.

III.

Já foi dito que os três registros analíticos a que nos referimos aparecem no ensaio de Mariátegui apenas como lampejos interpretativos, uma espécie de referência fugaz que aparece em toda a sua obra madura. Porém, um quarto aspecto adquiriu um espaço mais orgânico em suas abordagens sobre o fascismo, a ponto de ocupar lugar de destaque no conjunto de sua obra madura sobre temas que ultrapassam aqueles ligados ao movimento liderado por Mussolini. Foi sobre a influência vitalista que Mariátegui observou dentro do coração da cultura política fascista. Nesse sentido, penso que entre seus estudiosos não foi suficientemente sublinhado o grau em que questões caras à sua perspectiva intelectual, como as questões do mito e da política caracterizada como um fenômeno de conotação religiosa, começaram a ser elaborados em seus ataques ao fascismo.

Em outras palavras, interessa-me sustentar que se a estadia italiana representou um momento crucial no laboratório histórico-filosófico de Mariátegui, isso teve menos a ver com seu interesse pelas vicissitudes das forças socialistas na península, com as experiências de luta do movimento operário de Turim, ou com suas referências episódicas ao jornal comunista *L'Ordine Nuovo*⁸ (questões que sem dúvida tiveram impacto na afirmação da sua filiação socialista e no seu privilégio do ponto de vista do proletariado, mas não tanto no amadurecimento de sua perspectiva romântica e radicalmente antipositivista), quanto em suas leituras das origens e primeiros desenvolvimentos do fascismo. Se assim foi, se deveu ao fato de Mariátegui ter desenvolvido uma curiosidade genuína sobre um fenômeno que percebeu, desde os seus primeiros passos, impregnado de elementos novos e decisivos no agitado contexto do pós-guerra. Como aponta a historiografia recente, o antifascismo acabou por se constituir numa espécie de obstáculo epistemológico para a pesquisa histórica sobre o movimento dos Camisas Negras, na medida em que contribuiu para codificar uma perspectiva ideologizada de sua natureza (TRAVERSO, 2012, p. 108-109; FINCHELSTEIN, 2010, p. 20-24; COLLOTTI, 2000). Provavelmente, por ter questionado o fascismo com antecedência à estabilização daquele cânone

⁸ As menções a *L'Ordine Nuovo*, assim como o comum desenvolvimento de um marxismo subjetivista e culturalista, levaram mais de um exegeta de Mariátegui a imaginar efetivos contatos e diálogos com Antonio Gramsci, secretário editorial da revista de Turim. A verdade é que não há registro empírico desse vínculo, e mesmo na obra ensaística de Mariátegui, tão extensa e informativa sobre seus interesses e tão imbuída da cultura peninsular, curiosamente há poucas referências ao comunista italiano.

antifascista – chegando a ser um de seus primeiros intérpretes, não só na América Latina, mas em escala global –,⁹ mas sobretudo pela falta de preconceito com que habitualmente vasculhava os materiais de sua contemporaneidade, as leituras de Mariátegui sobre o fenômeno fascista admitiam, inclusive, um momento de empatia cognitiva dentro de sua perspectiva socialista. Assim, na primeira das “Cartas da Itália” inteiramente dedicada ao novo movimento, em seu desejo de compreensão optou por dar a palavra aos protagonistas, prolongando o gesto quase etnográfico que marcara algumas das crônicas políticas escritas durante sua primeira juventude, em Lima (“Algo sobre fascismo. ¿Qué es, qué quiere, qué se propone hacer?”, *El Tiempo*, Lima, 29 jun. 1921.).

Por outro lado, ressaltamos que essas instâncias empáticas não foram independentes da relação amorosa mais geral que Mariátegui estabeleceu com a cultura italiana, que para ele sempre permaneceu amplamente irredutível ao fascismo (mesmo naqueles anos em que Mussolini tomou o poder e seu movimento se apropriou da cena pública).¹⁰ Em meados da década, já de volta a Lima, Mariátegui dedicou uma série de ensaios ao país que o hospedou em seus anos europeus. Assim, enquanto em parte desses textos destacava os três estratos históricos que caracterizaram a personalidade de Roma (a imperial, a do papado e a maçônica liberal do *Risorgimento*), sem que o fascismo se fizesse notar senão por meio de suas transações com o catolicismo e com a cidade papal (“Las tres Romas”, *Mundial*, Lima, 26 jun. 1925, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 521-522), em outras celebrou sem rodeios “a maravilhosa Itália” (“Divagaciones sobre el tema de la latinidad”, *Mundial*, Lima, 20 fev. 1925, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 545), se vangloriando de tê-la conhecido livre das convenções tradicionais que roteirizavam as viagens do turismo moderno, em contato com as manifestações estéticas contemporâneas e vanguardistas que lhe provocaram “emoções diretas” (“El paisaje italiano”, *Mundial*, Lima, 19 jun. 1925, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 518.). Em suma, Mariátegui lamentava os ecos limitados da cultura italiana nas novas gerações latino-americanas, cujas metrópoles continuavam sendo a Espanha e a França. Porque além disso, e segundo ele pôde vivenciar, aquela cultura não era

⁹ Significativamente, Mariátegui é o único autor não europeu mencionado por Renzo De Felice (1970) em sua monumental antologia de interpretações contemporâneas do fascismo. Embora erroneamente informe que Mariátegui pertenceu ao grupo de intelectuais franceses *Clarté*, o grande historiador do movimento dos Camisas Negras aponta que alguns julgamentos do intelectual peruano são “particularmente interessantes para a análise da atitude da burguesia antes e depois da derrota do movimento trabalhista e a chegada ao poder de Mussolini” (p. 18, n. 34). “*Biología del fascismo*” não foi publicado nesse volume, mas em outra antologia mais geral e organizada por Ernesto Ragionieri, *Italia giudicata (1861-1945)* (1969). Além disso, em seus textos sobre Itália, várias vezes Mariátegui se refere a figuras italianas incluídas por De Felice entre os primeiros intérpretes italianos do fenômeno fascista, como Mario Missiroli, Adriano Tilgher ou Francesco Nitti.

¹⁰ A intensidade afetiva do vínculo com a Itália é verificada em inúmeras passagens da obra de Mariátegui. Por exemplo, em sua correspondência, na qual relata o fascínio provocado por cidades como Florença (“um dos cantos mais fascinantes do mundo”) ou Veneza (“a cidade mais bela do mundo”); ou nos vínculos intelectuais, também carregados de afeto, que tece com algumas figuras, como por exemplo, com Piero Gobetti, “um dos espíritos com quem sinto a mais amorosa assonância” (1993 [1928], p. 206). Sobre essa relação, ver Robert Paris, “Mariátegui y Gobetti” (1981); e a precisa analogia que estabelece entre ambas “vidas paralelas” Alvaro Campuzano no prólogo a seu livro *La modernidad imaginada* (2017, p. 21-23).

apenas alimentada por tradições regionais e nacionais, mas se posicionava como uma janela aberta ao mundo:

A vida intelectual italiana – embora os escritores italianos sejam, em estilo e assunto, menos internacionais e menos cosmopolitas do que os escritores parisienses – parece muito mais aberta às correntes e tendências europeias. A filosofia alemã, como se sabe, encontrou na Itália não apenas tradutores e propagadores, mas também – v.g. Benedetto Croce – verdadeiros e interessantes sucessores. Na Itália se faz muita tradução, cuidadosa e diretamente, do russo, do norueguês, etc. As mais exóticas e distantes culturas contam com estudiosos e tradutores na Itália (“La cultura italiana”, *Boletín Bibliográfico de la Universidad Mayor de San Marcos*, mar. 1925, MARIÁTEGUI, 1994, p. 531).

Como pode se perceber, no auge do fascismo, Mariátegui insistia em ver a cultura italiana como um espaço vivo e movimentado, um universo privilegiado para apreciar e ponderar os fenômenos transnacionais que nela se reuniam. Distante da imagem algo estática do “marxista latino-americano” por excelência que muitas vezes nele se quis ver, a sua crença socialista não foi obstáculo à plena autonomia que concedeu às dinâmicas culturais que estimularam sua perspectiva crítica, ao mesmo tempo em que, atentando para as imemoriais camadas geológicas que desde a Roma Antiga foram revividas nos mitos da Itália moderna, não fez dela um espaço determinado pelos confins de uma cultura nacional.¹¹

Mas voltemos, após esta breve digressão sobre as visões de Mariátegui com relação à cultura italiana, aos seus pontos de vista sobre o fascismo. Apontamos que Mariátegui se deteve para considerar as relações que os intelectuais estabeleceram com o experimento conduzido por Mussolini; mas, em geral, não o fez para destilar suas contribuições ou temas ideológicos. E isso porque, por volta de meados de 1921, ele registrava que “o fascismo não é [...] um programa, mas uma ação” (“La paz interna y el ‘fascismo’” [datado em Roma, ago. 1921], *El Tiempo*, Lima, 12 nov. 1921, MARIÁTEGUI, 1994, p. 799). O papel da *intelligentzia* na história italiana contemporânea, observava, “é realmente muito modesto. Nem a arte nem a literatura, apesar de sua megalomania, dirigem a política [...] Os intelectuais constituem a clientela da ordem, da tradição, do poder, da força”. O movimento fascista, de composição e origem heteróclitas (sua governança, observava Mariátegui, “não poderia ser mais diversa”), não resultou do desdobramento de uma ideologia coerente, mas

pretendia ser, mais do que um fenômeno político, um *fenômeno espiritual* e significar, sobretudo, uma reação da Itália triunfante de Vittorio Veneto contra a

¹¹ Escrevia Mariátegui: “Sou um homem que quis ver a Itália sem literatura. Com seus próprios olhos e sem as lentes capciosas e ambíguas da erudição [...] O passado subjuga a pintura, a música e a poesia da Itália contemporânea. A arte antiga esmaga com seu volume e entrou com sua sugestão na arte moderna da Itália. No movimento futurista, apesar de sua expressão artificial, reconheço, portanto, um gesto espontâneo do gênio da Itália. Os iconoclastas que se propuseram retumbantemente a limpar a Itália de seus museus, suas ruínas, suas relíquias e todas as suas coisas veneráveis, foram movidos, no fundo, por um profundo amor pela Itália. Percebo em seu sentimento algo do meu próprio sentimento. Também sinto e penso, muitas vezes, que tanta glória, tanta lenda e tanta arqueologia estão em excesso na Itália”. E depois: “E, nesta terra ilustre, a civilização deposita metodicamente novos aluviões. Sobre uma anedota antiga, sobrepõe uma anedota moderna. A Itália recebe, todos os dias, algum famoso, vindo de algum lugar próximo ou distante do mundo, que deseja viver um capítulo de seu romance em solo italiano [...] Com certeza, todos os personagens da história contemporânea foram hóspedes da Itália (“El paisaje italiano”, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 518-519).

política de desvalorização dessa vitória e de suas consequências [...] A bandeira da pátria cobria, assim, todos os erros doutrinários e programáticos (MARIÁTEGUI, 1959 [1925], p. 27-29. Grifos nossos).

Em suma, Mariátegui atribuía a espantosa ascensão do movimento dos Camisas Negras ao conjunto de práticas e símbolos que haviam suscitado “uma mística reacionária e nacionalista”. E concluía citando Giovanni Gentile, o filósofo idealista do regime que se regozijava ao observar o espírito guerreiro dos *fasci*, com quem concordava que, no seu devir, “o fascismo queira ser uma religião” (MARIÁTEGUI, 1959, p. 35 e 40). Também aqui Mariátegui sublinhava um aspecto que, posteriormente, foi desenvolvido com eloquência por alguns dos mais sofisticados historiadores culturais do fenômeno fascista, que destacaram a centralidade que as dimensões ritual e sagrada adquiriram em sua constituição como movimento de massas.¹²

Chegamos, portanto, a um ponto crucial do meu argumento. Na leitura que proponho, é pela interpretação ativa que Mariátegui fez do fascismo, de sua “biologia”, que ele vislumbra os componentes culturais e emocionais que, desde aquela época, fazem parte de sua caracterização tanto da trajetória de alguns indivíduos em particular, quanto da conformação de sujeitos políticos coletivos. Nas reconstruções do itinerário de Mariátegui, costuma-se situar a emergência dessa chave de análise em uma operação intelectual: a da descoberta de Georges Sorel, e sua tese sobre o papel indispensável dos mitos como combustível emocional para a práxis. E, de fato, como escreveu José Sazbón, seu papel como teórico do sindicalismo ocupou um “espaço determinante” em Mariátegui, a ponto de funcionar para ele como um fator “*aglutinante* de outras influências diversas” (2002, p. 120. Grifo no original). Mas essa presença decisiva não deve ofuscar os ingredientes que já fermentavam na cosmovisão intelectual do autor dos *Siete Ensayos*, para quem a permanência na Europa, e em especial sua estadia no laboratório de observação que era a política italiana, teve um papel de grande magnitude no deslocamento (que, como já sugerimos, é mais uma fusão) da posição de cronista político da juventude para a de incisivo ensaísta que será na década de 1920.

Concretamente, cabe assinalar que o exemplar de *Reflexiones sobre la violencia de Sorel* que se encontra na biblioteca de Mariátegui, corresponde à quinta edição publicada em Paris, em 1921. Muito provavelmente, esse volume foi adquirido em meados de 1922, nos meses em que o escritor peruano esteve na capital francesa (TERÁN, 1985, p. 55). Mas a essa altura ele já havia desenvolvido seus primeiros esboços sobre o fascismo. E, sobretudo, deixara-se capturar pela saga ficcional do movimento que, liderado por D'Annunzio, ocupou em 1919 a cidade de Fiume, na costa do Adriático, reivindicada pela Itália, mas negada na mesa diplomática de negociações. Como indica Emilio Gentile, no imediato pós-guerra este capítulo representou, tanto na práxis guerreira e desafiadora quanto na retórica exultante e mística utilizada pelo poeta, “a maior

¹² Emilio Gentile é, reconhecidamente, o historiador que esmiuçou com maior profundidade e no conjunto de suas bordas a fisionomia de “religião civil” do fascismo italiano. Consulte-se, entre outros trabalhos, *El culto del littorno. La sacralización de la política en la Italia fascista* (2007). Para o caso alemão, o trabalho mais clássico é de George Mosse, *The Nationalization of the Masses. Political Symbolism and the Mass Movements in Germany from the Napoleonic Wars through the Third Reich* (1974).

contribuição para a construção de uma religião nacional” (2007, p. 39). Já comentamos sobre a afeição juvenil de Mariátegui pelo d'annunzianismo, ao qual ele mesmo se referirá retrospectivamente como “um fenômeno de irresistível sedução para o estado de espírito impregnado de Rubén Darío” (“La influencia de Italia en la cultura hispano-americana”, *Variedades*, Lima, 25 ago. 1928, *In* MARIÁTEGUI, 1994, p. 549). Essa sensibilidade literária cultivada desde a adolescência era também alimentada por uma certa formação mística, originalmente ligada à fé católica herdada da mãe. A este respeito, é conhecida a história “A procissão tradicional” – escrita em 1917, e que lhe valeu um prêmio do Círculo dos Jornalistas –, na qual expôs as profundas vibrações que o atravessaram quando presenciou o espetáculo de uma romaria de fiéis pelas ruas de Lima.¹³ Porém, e de acordo com o cânone modernista, esse misticismo era mais frequentemente percebido como uma faceta pertencente à esfera privada que, segundo Oscar Terán, era uma “tendência ao intimismo” (1985, p. 29-ss) e encontrava nas emoções religiosas um refúgio perante a vertigem provocada pela cidade moderna (enfoque que contrasta amplamente, nesse sentido, ao ímpeto futurista e vanguardista que ele experimentará em sua fase da maturidade).¹⁴

Pois bem: também nesse aspecto o período italiano representou um momento importante para Mariátegui, pois nele a própria noção de “religião” se emancipou de sua filiação confessional e privada para começar a qualificar o tipo de política emergente em uma era substancialmente nova. Os escritos maduros do intelectual peruano são pródigos em referências que sustentam essa perspectiva, como por exemplo, o ensaio dedicado a Gandhi: “Por acaso a emoção revolucionária não é uma emoção religiosa? O que acontece no Ocidente é que a religiosidade deslocou do céu para a terra. Seus motivos são humanos, são sociais, não são divinos. Eles pertencem à vida terrena, não à vida celestial” (“El mensaje de Oriente”, MARIÁTEGUI *apud* LÖWI, 2008, p. 72).

A empreitada d'annunziana em Fiume foi, neste sentido, a primeira experiência que teve em termos de “epopeia” (“D’Annunzio, después de la epopeya” [datado em Roma, mar. 1920], *El Tiempo*, Lima, 5 jun. 1921, *in* MARIÁTEGUI, 1994, p. 772-773), um acontecimento com tons românticos que repercutiu na opinião pública italiana e temperou o espírito de uma parcela da sua juventude (A Revolução Russa já tinha marcado a convicção socialista de Mariátegui, mas o aspecto épico será evocado mais adiante, sobretudo em comentários em textos literários). Não por acaso, a primeira de suas “Cartas da Itália”, de janeiro de 1920, foi dedicada a “O problema do Adriático”, que a “linguagem lírica” de D’Annunzio “eleva e engrandece” (“El problema del Adriático” [datado em Roma, 28 jan. 1920], *El Tiempo*, Lima, 2 maio 1920, *in* MARIÁTEGUI,

¹³ Escreve Mariátegui: “As manifestações de fé de uma multidão são impressionantes. Dominam, se impõem, seduzem, oprimem, apaixonam, amolecem. A contemplação de uma multidão que invoca a Deus move-se sempre com uma força irresistível e uma ternura profunda [...] Assim amei o instante em que o magnífico espetáculo de um recolhimento tumultuoso e sonoro inibiu e suavizou subitamente o meu coração...” (“La procesión tradicional”, *La Crónica*, Lima, 10 abr. 1917 *apud* THISEN, 2017, p. 135).

¹⁴ Porém, nos *Siete ensayos* ele dirá que “minha missão com relação ao passado parece ser a de votar contra” (MARIÁTEGUI, 1959 [1915], p. 206).

1994, p. 735). Tampouco o feito do poeta é evocado casualmente em seus acentos vitalistas e extra-rationais:

O fundamental da proposta de D'Annunzio não é a ideologia. A ideologia é quase sempre a questão menos concreta, a menos precisa, a menos vigorosa. O aspecto fundamental é a ação [...] D'Annunzio entende que vive uma imensa e fecunda hora da história da humanidade. Percebe as pulsações íntimas da agitação contemporânea. E sente a necessidade de participar da luta, na linha de frente. Ele não aceitará ser eliminado do cenário universal por nenhum outro fator que não seja a Morte ("D'Annunzio, después de la epopeya", MARIÁTEGUI, 1994, p. 773).

Mas, além disso, as aventuras de D'Annunzio em Fiume cativam Mariátegui porque permitem que ele mergulhe, talvez pela primeira vez, em um tema que será central em sua obra ensaística da maturidade: o da aventura. É um tópico que aparecerá de forma explícita ou camuflada em grande parte dos retratos de figuras da época que ele realizou. É o caso de "*Andanzas y aventuras de Panait Istrati*" que o absorvem no mundo desse migrante escritor romeno, "extraordinário romancista" de espírito rebelde e anárquico que passou de uma existência atormentada e mísera a um autor "consagrado pela crítica mundial", e a quem Mariátegui dedicou quatro ensaios e contribuiu como poucos para sua divulgação na América Latina ("*Andanzas y aventuras de Panait Istrati*", *Variedades*, Lima, 18 ago. 1928, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 712-713; "Tres libros de Panait Istrati sobre la U.R.S.S.", *Variedades*, Lima, 12 mar. 1930, *Ibidem*, p. 713). Assim, também, foi nas incansáveis andanças do escritor e revolucionário boliviano Tristán Marof, "cavaleiro errante da América do Sul", que viu nascer um tipo humano atravessado pela ousadia e pela relutância ao cálculo, facetas que ele volta a evocar a partir do ângulo da aventura.¹⁵ Assim, por fim, e só para trazer um terceiro exemplo de uma saga que poderia continuar sendo estendida, é o itinerário biográfico que Mariátegui leu com extremo fascínio nas memórias de Isadora Duncan ("filha da burguesia, guerreira que lutou contra tudo o que era burguês"), desde sua São Francisco natal à sua consagração em Paris, e daí ao biênio que passou na Rússia bolchevique, que mais uma vez ofereceu os vestígios de uma "existência aventureira e magnífica".¹⁶ Segundo consta em esboços preliminares de *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*, livro que tinha em preparação quando foi surpreendido pela morte, Mariátegui planejava escrever um texto intitulado "*Apología del aventurero*", que aparentemente nunca se concretizou. Certamente ali ele deveria ter elaborado com abundância, e ao mesmo tempo executado com precisão, seu conceito de aventura (talvez

¹⁵ Escreve Mariátegui sobre Marof: "Alguns podem se interessar pelo escritor; eu estou mais interessado pelo homem. Tem a figura heroica, aquilina, ímpar, dos homens que nascem para fazer história mais do que para escrevê-la. Eu nunca o tinha visto; mas o havia encontrado muitas vezes. Em Milão, em Paris, em Berlim, em Viena, em Praga, em qualquer uma das cidades onde, num café ou num comício, encontrei homens em cujos olhos li a mais ampla e ambiciosa esperança. Lenins, Trotskys, Mussolinis do amanhã. Como todos eles, Marof tem um ar ao mesmo tempo jovial e grave. Ele é um Dom Quixote de agudo perfil profético" ("La aventura de Tristán Marof", *Variedades*, Lima, 3 mar. 1928, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 454).

¹⁶ Como artista, destaca Mariátegui, "Isadora Duncan obedecia em sua criação a um permanente impulso revolucionário. Foi uma das mais ativas excitadoras da imaginação da sociedade industrial e burguesa" ("Las memorias de Isadora Duncan", *Variedades*, Lima, 17 jul. 1929, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 594).

em diálogo com o ensaio sobre o tema que Georg Simmel compôs alguns anos antes, obra que ele costumava frequentar).¹⁷ Mas digamos que em suas diferentes abordagens do tema ficou claro que para Mariátegui o aventureiro era um tipo humano romântico e anti-burguês, expressão da era convulsiva que foi aberta com a Grande Guerra.¹⁸ É aí que foi liberada “uma nova intuição da vida” – como ele aponta em um de seus ensaios clássicos –, uma disposição espiritual que, mais uma vez extraíndo um elemento positivo da discursividade fascista, localiza na “perentória necessidade de uma fé e de um mito que movimente os homens a viver perigosamente” (“Dos concepciones de la vida”, *Mundial*, Lima, 9 jan. 1925, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 497).¹⁹ E Mariátegui parece apreciar tudo isso pela primeira vez em D'Annunzio e sua “aventura de Fiume”:

Em um momento normal e calmo da história, D'Annunzio não teria sido um protagonista da política. Porque em tempos normais e calmos, a política é um negócio administrativo e burocrático. Mas nesta época do neo-romantismo, nesta época do renascimento do Herói, do Mito e da Ação, a política deixa de ser ofício sistemático da burocracia e da ciência. D'Annunzio ocupa, portanto, um espaço na política contemporânea (MARIÁTEGUI, 1959 [1915], p. 23).

Ora, se afirmamos que Mariátegui passou a frequentar as inflexões que alimentarão decisivamente sua filosofia política e sua peculiar versão do marxismo (aquela modulação de um materialismo que, quando pensa os sujeitos se transforma em uma concepção radicalmente idealista) em suas leituras das primeiras épocas do fascismo, é preciso dizer que, nesse sentido, o intelectual peruano executa uma operação exatamente oposta à desenvolvida por Sorel e boa parte de seus adeptos. Pois se neles as exigências imperiosas pela realização de um mito revolucionário possibilitaram a passagem da classe à nação – contribuindo assim com um ingrediente de peso na conformação da cultura política fascista (Cf.: STERNHELL, 1994, p. 3437) – em Mariátegui o caminho se inverterá. Em 1927 escreveu: “O novo romantismo, o novo misticismo, contribui com outros mitos, os do socialismo e do proletariado” (“El caso Daudet”, *Variedades*, Lima, 2 jul. 1927, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1344.). Assim, sua leitura ativa e por vezes fascinada dos componentes emocionais do fascismo, levará Mariátegui a pressagiar um

¹⁷ Entre os autores europeus contemporâneos de Mariátegui, já dissemos que sua relação de proximidade com a obra de Antonio Gramsci tem sido observada com frequência. Também, em menor escala, com a de Walter Benjamin. Porém, além da comum releitura do marxismo em chave subjetivista e culturalista que o unia a esses autores, seus pontos de contato com Simmel têm sido menos apontados, especialmente no que diz respeito ao interesse compartilhado por ambos em se aventurar em uma espécie de fenomenologia da contemporaneidade a partir da detecção de suas figuras e disposições culturais emergentes. Nesse sentido, o julgamento que Jürgen Habermas lançou sobre o autor de *Filosofia do dinheiro* diz algo sobre o tipo de intelectual que foi Mariátegui: “Simmel foi mais um instigador do que um sistemático, mais um intérprete da época que filosofava em chave da ciência social do que um filósofo e sociólogo firmemente enraizado no estabelecimento científico [...] o que gerava mais distância com relação ao mundo acadêmico era uma mentalidade, a dele, caracterizada por dispor de uma fina sensibilidade capaz de detectar os estímulos típicos da época, as inovações estéticas, as mudanças nas tendências espirituais e as inflexões na percepção da vida própria na grande cidade” (HABERMAS, 1988, p. 274-275).

¹⁸ Uma variação prévia ao aventureiro é o *pioneer*, o homem romântico de inícios do capitalismo cuja estirpe transbordante de fé individualista-progressista seduz como tipo histórico a Mariátegui (por exemplo, no cinema de Charles Chaplin, especialmente em *The Gold Rush* (1925); veja seu “Esquema de una explicación de Chaplin” (*Amauta*, Lima, out. 1928).

¹⁹ A referência do apotegma vitalista do “viver perigosamente” foi tomada por Mariátegui do conhecido discurso de Mussolini de agosto de 1924.

sentimentalismo análogo firmemente enraizado no mito da classe operária mundial. Daí a forma como conclui a sua "Biologia do Fascismo": "só no misticismo revolucionário dos comunistas podem ser constatadas as características religiosas que Gentile descobre no misticismo reacionário dos fascistas" (MARIÁTEGUI, 1959 [1915], p. 41).

IV.

Mariátegui continuaria vasculhando até o inesperado fim de sua vida, ocorrido em abril de 1930, a fisionomia histórica do que chamava de "espécimes da reação". Intelectuais e movimentos políticos da direita contemporânea – como o espanhol Ramiro de Maeztú, os franceses Charles Maurras, Drieu La Rochelle e Léon Daudet, o regime de Primo de Rivera, ou as tentativas fascistas do *Heimwehr* na Áustria –, foram objeto de seu olhar inquieto.²⁰ Em sua renovada faceta de cronista atualizado dos acontecimentos da política internacional, preocupouse em informar seus leitores sobre a "sinistra maré reacionária" precipitada por um atentado contra Mussolini, que lhe chamara especialmente a atenção por ter incluído "o atentado sobre o famoso filósofo Benedetto Croce e a destruição de sua biblioteca" ("La tragedia de Italia", *Variedades*, Lima, 13 nov. 1926 in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1157).²¹ Em seu papel de intérprete de fenômenos políticos e culturais que fizeram o mundo crepitar, ele apontava, em um exame geral dos "ideólogos da reação", que "o fato reacionário [...] tem precedido à ideia reacionária". Ainda que não faltassem visões antiliberais e antidemocráticas antes da guerra, foi a ascensão fascista ao poder que favoreceu a proliferação (e não apenas na Itália) de figuras chamadas a apoiar essa "doutrina afirmativa e beligerante" ("Los ideólogos de la reacción", *Variedades*, Lima, 29 out. 1927 in MARIÁTEGUI, p. 1329). Nesse sentido, embora Mariátegui não subscrevesse a polêmica tese de Sternhell segundo a qual "a França do nacionalismo integral, da direita revolucionária, é o autêntico berço do fascismo" (MARIÁTEGUI, 1994, p. 4), em seus ensaios esteve atento ao que o historiador israelense chamou de "complexo franco-italiano" na circulação internacional de ideias e motivações de extrema-direita (*Ibidem*, p. 26). Assim, ao mesmo tempo em que advertia que "os intelectuais fascistas aparecem, sob tantos pontos de vista, amamentados pelo nacionalismo de Maurras", ao mesmo tempo que "coloca[m] entre seus mestres o genial autor, tão diversamente entendido, de *Reflexiones sobre la Violencia* [Sorel]", reciprocamente constatava que o nacionalista católico francês Henri Massis "ao proclamar a ordem romana como a lei suprema da civilização ocidental, subscreve uma concepção do

²⁰ Consultem-se, por exemplo, seus artigos "Ramiro de Maeztú y la dictadura española" (*Variedades*, Lima, 28 maio 1927); "El caso Daudet" (*Variedades*, Lima, 2 jul. 1927); "El Parlamento de Primo de Rivera" (*Variedades*, Lima, 17 set. 1927); "Confesiones de Drieu La Rochelle" (*Variedades*, Lima, 28 jan. 1928); "La resaca fascista en Austria" (*Mundial*, Lima, 27 set. 1929); e "El tramonto de Primo de Rivera" (*Mundial*, Lima, 11 jan. 1930) (MARIÁTEGUI, 1994).

²¹ Mariátegui se refere às *razzias* punitivas de 31 de outubro e 1 de novembro desse ano contra as casas de algumas renomadas figuras de oposição ao regime. Nessas jornadas, a biblioteca do dramaturgo Roberto Bracco, mais do que a de Croce, sofreu a raiva das turbas fascistas.

fascismo italiano, que também vê na latinidade a maior e mais viva reserva espiritual da Europa” (“Los ideólogos de la reacción”, in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1329-1330). Nessa composição de empréstimos e misturas que fertilizaram a cultura intelectual fascista, Mariátegui detectou as tensões e ambiguidades típicas da coexistência dos dois polos configuradores do que Jeffrey Herf (1990) chamou, em seu estudo clássico, de modernismo reacionário. Pois se nos debates sobre as orientações que guiaram o regime de Mussolini “intervêm intelectuais como Giovanni Gentile, que não podem negar o difamado pensamento moderno sem negar-se a si mesmos”, e que por isso não hesitaram em “atribuir ao fascismo uma essência absolutamente moderna” (“Anti-Reforma y fascismo”, *Variedades*, Lima, 12 nov. 1927 in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1340), outras vozes, como as dos “ideólogos neotomistas da Itália e da França [...] em um esforço para construir a teoria reacionária sobre as bases de uma negação intransigente do liberalismo, condenam a Reforma e pregam a restauração da ordem romana” (“Contradicciones de la reacción”, *Variedades*, Lima, 19 nov. 1927 in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1330). Em última análise, para Mariátegui, aqueles que assumiram o segundo tipo de posição, careciam de realismo e entraram em contradição, dado que as diferentes versões das direitas emergentes não conseguiam esconder suas conexões, mais ou menos secretas, devido ao crescimento do capitalismo moderno.²²

Seja como for, nessa série de textos que escreveu até o final de seus dias e onde, tal como temos acompanhado, combinam o ofício do cronista com as ousadias do intérprete, Mariátegui manteve viva a curiosidade de conhecer o percurso das direitas do seu tempo. Firmemente enraizado em uma posição socialista e marxista, esse posicionamento não lhe impossibilitou de examinar livremente estratos culturais e políticos estranhos e até hostis às tradições de esquerda, e mesmo ponderar alguns de seus aspectos.²³ Em suma, esta pesquisa feita sobre essa área pouco analisada da produção de Mariátegui pretendeu também se constituir

²² Mariátegui discorre maliciosamente sobre essas contradições ao iniciar seu ensaio sobre Léon Daudet, polemista de *La Acción Francesa*, de Charles Maurras, e autor do famigerado panfleto antiliberal *O Estúpido Século XIX*: “Não sei se entre as fobias do espírito reacionário e antimoderno de León Daudet, esteja a do telefone. Mas [...] em nenhum caso a crônica pode deixar de registrar o fato de que o principal fator para a fuga de Leon Daudet da prisão foi o telefone ou, o que dá na mesma, um dos instrumentos que fazem parte do legado de o 'estúpido século XIX'” (“El caso Daudet”, *Variedades*, Lima, 2 jul. 1927 in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1343).

²³ Assim, sua recepção crítica do ensaio *Defensa de Occidente*, publicado por Henri Massis em 1927, apresenta diferentes desdobramentos. Em um deles, Mariátegui dirá que “não há dúvida de que a defesa do Ocidente, mesmo como o neotomismo a concebe, apresenta um lado positivo e contém um princípio de saúde” (“Occidente y Oriente”, *Variedades*, Lima, 26 nov. 1927 in MARIÁTEGUI, 1994, p. 1185). Conceito que ele especificará em carta a Samuel Glusberg: “Defendo o Ocidente à minha maneira: denunciando o esforço conservador de identificar a civilização ocidental com o capitalismo e de reduzir a revolução russa, engendrada pelo marxismo, isto é, pelo pensamento e pela experiência da Europa, a um fenômeno da barbárie oriental” (*apud* FORGUES, 1993, p. 74-75). Por outro lado, é conhecida a simpatia mútua entre Mariátegui e Leopoldo Lugones, o maior expoente do pensamento reacionário e pró-fascista americano de sua época. “Ideologicamente, estamos em campos adversos. Lamento que ele fortaleça os conservadores com seu nome e com sua ação. Embora seja sempre uma vantagem enfrentar um adversário da sua envergadura”, escreverá em relação ao escritor argentino, que por sua vez elogiará Mariátegui pela “liberdade de pensamento”. Ambas *apud* Dardo Cúneo, “Mariátegui y Lugones”, de 1954 (*in* TARCUS, 2001, p. 310-311).

num convite para ir além dos lugares-comuns ideologizados e das receitas pré-concebidas quando se trata de compreender o nosso presente. Como recentemente sugeriu Enzo Traverso (2018) ao propor a noção de “pós-fascismo” para conceituar a atual onda de movimentos políticos reacionários, o exercício de pensar as novas direitas implica registrá-las em matrizes e tradições históricas com as quais elas estão indubitavelmente relacionadas, mas também perscrutar sem amarras seus aspectos diferentes.²⁴ Talvez seja esse tipo de perspectiva crítica o que mais precisamos neste presente tão complexo.

Referências

Obras de José Carlos Mariátegui

- MARIÁTEGUI, J. C. Biología del fascismo. In: *La Escena Contemporánea*. Lima: Amauta, 1959. [1925].
- MARIÁTEGUI, J. C. Esquema de una explicación de Chaplin. *Amauta*, n. 18, Lima, out. 1928.
- MARIÁTEGUI, J. C. *Mariátegui Total*. Vol. I. Lima: Amauta, 1994.
- MARIÁTEGUI, J. C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Ciudad de México: ERA, 1993. [1928].

Bibliografia

- ADAMS, Beverly; MAJLUF, Natalia. (Eds.) *Redes de vanguardia. Amauta y América Latina*. [Catálogo da Exposição]. Lima: Mali, 2019.
- ALTAMIRANO, Carlos. La pequeña burguesía, una clase en el purgatorio. *Prismas. Revista de Historia Intelectual*, n. 1, Buenos Aires, 1997.
- ARICÓ, José. Introducción. In: ARICÓ, José. (Comp.). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latino-americano*. 2ª ed. (ampl.). México: Cuadernos de Pasado y Presente, 1980.
- BERGEL, Martín Bergel. José Carlos Mariátegui and the Russian Revolution. Global Modernity and Cosmopolitan Socialism in Latin America. *South Atlantic Quarterly*, v. 116, n. 4, 2017.
- BERNABÉ, Mónica. *Vidas de artista*. Bohemia y dandismo en Mariátegui, Valdelomar y Eguren (Lima, 1911-1922). Rosario: Beatriz Viterbo, 2006.
- BISSO, Andrés. Condiciones de posibilidad, desarrollo, esplendor y ocaso de una apelación política nacional. In: *El antifascismo argentino*. Buenos Aires: CeDInCI, 2007.
- CAMPUZANO, Alvaro. *La modernidad imaginada*. Arte y literatura en el pensamiento de José Carlos Mariátegui (1911-1930). Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2017.
- COLLOTTI, Enzo Collotti (Ed.). *Fascismo e antifascismo*. Rimezioni, revisioni, negazioni. Roma; Bari: Laterza, 2000.

²⁴ Segundo Traverso (2018, p. 47), “hoje, a principal característica do pós-fascismo reside na coexistência contraditória entre a herança do velho fascismo e o enxerto de novos elementos que não pertencem à sua tradição”.

- DE FELICE, Renzo. *Il Fascismo*. Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici. Bari: Laterza, 1970.
- FINCHELSTEIN, Federico. *Fascismo trasatlántico*. Ideología, violencia y sacralidad en Argentina y en Italia, 1919-1945. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- FORGUES, Roland. Mariátegui, lazo de unión entre América y Europa. In: AAVV. *José Carlos Mariátegui y Europa*. El otro aspecto del descubrimiento. Lima: Amauta, 1993.
- GALINDO, Alberto Flores. Años de iniciación: Juan Croniqueur, 1914-1918. In: *La agonía de Mariátegui*. La polémica con la Komintern. 2ª ed. (ampl.). Lima: Desco, 1982.
- GELI, Patricio. Incursiones en una polémica siempre recurrente: el debate historiográfico en torno al 'factor Hitler' entre los '60 y los '90. In: GRILLO, María Victoria (Comp.). *Tradicionalismo y fascismo europeo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1999.
- GENTILE, Emilio. *El culto del littorno*. La sacralización de la política en la Italia fascista. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. Epílogo: Simmel como intérprete de la época. In: SIMMEL Georg. *Sobre la aventura*. Ensayos filosóficos. Barcelona: Península, 1988.
- HERF, Jeffrey. *El modernismo reaccionario*. Tecnología, cultura y política en Weimar y en el Tercer Reich. México: FCE, 1990.
- KERSHAW, Ian. Hitler: ¿'amo del Tercer Reich' o 'Dictador débil'? In: *La dictadura nazi*. Problemas y perspectivas de interpretación. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- LÖWI, Michael. Communism and Religion: José Carlos Mariátegui's Revolutionary Mysticism. *Latin American Perspectives*, v. 35, n. 2, 2008.
- MAZZEO, Miguel. *El socialismo enraizado: José Carlos Mariátegui*. Lima: FCE, 2013.
- MELIS, Antonio. J. C. Mariátegui, primo marxista d'America. *Critica Marxista*, Roma, v. V, n. 2, 1967.
- MOSSE, George. *The Nationalization of the Masses*. Political Symbolism and the Mass Movements in Germany from the Napoleonic Wars through the Third Reich. New York: Howard Fertig, 1974.
- PARIS, Robert. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. Ciudad de México: Pasado y Presente, 1981.
- PORTOCARRERO, Ricardo. Aproximaciones para el estudio del joven Mariátegui: los escritos juveniles. *Márgenes*, Lima, n. 12, 1994.
- RAGONIERI, Ernesto (Ed.). *Italia giudicata (1861-1945)*. Bari: Laterza, 1969.
- RAMOS, Angela. Una encuesta a José Carlos Mariátegui. [*Mundial*, Lima, 23 jul. 1926]. In: MARIÁTEGUI, J. C. *Mariátegui Total*. Vol. I. Lima: Amauta, 1994.
- SAZBÓN, José. Filosofía y revolución en Mariátegui. In: *Historia y representación*. Buenos Aires: Univ. de Quilmes, 2002.
- STERNHELL, Zeev. *El nacimiento de la ideología fascista*. Colaboração de Mario Sznajder e Maia Ascheri. Madrid: Siglo XXI, 1994.
- TARCUS, Horacio. *Mariátegui en Argentina, o las políticas culturales de Samuel Glusberg*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 2001.
- TERÁN, Oscar. *Discutir Mariátegui*. Puebla: BUAP, 1985.
- THISSEN, Servais. *Mariátegui*. La aventura del hombre nuevo. Lima: Horizonte, 2017.

TRAVERSO, Enzo. *Las nuevas caras de la derecha*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.

TRAVERSO, Enzo. Fascismos. Sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell y Emilio Gentile. In: *La historia como campo de batalla*. Interpretar las violencias del siglo XX. Buenos Aires: FCE, 2012.